

OS PRINCÍPIOS METODOLÓGICOS PARA O FAZER HISTORIOGRÁFICO SEGUNDO KOERNER

Stiêlic Leão Prestes Nobre (UEMS)
ti-leao@hotmail.com

Letícia Rodrigues Rojas (UEMS)
leticiaarrojas@gmail.com

Nataniel dos Santos Gomes (UEMS)
natanielgomes@uol.com.br

RESUMO

Com a finalidade de apresentar a historiografia linguística, o artigo inicia com a distinção entre ramos das ciências humanas, que geralmente são tratados quase sempre como sinônimos ou áreas que estão dentro do mesmo campo semântico: história, historiografia, história da linguística e historiografia linguística. Posteriormente, destaca-se o panorama dos estudos historiográficos realizados no Brasil, para em seguida entrar nos princípios metodológicos propostos por Konrad Koerner (1996): contextualização, imanência e adequação. O princípio da contextualização diz respeito ao pensamento intelectual da época. A imanência concentra seus estudos na organização do quadro linguístico da época. A adequação procura comparar os dois princípios anteriores, aliados às teorias e fatos do presente com o objetivo de entender as transformações ocorridas na língua no período ora selecionado pelos pesquisadores.

Palavras-chave: História. Historiografia. História da linguística.
Historiografia linguística. Princípios de Koerner.

1. *Introdução*

Implantada em meados dos anos 2000 nos cursos de letras, a historiografia linguística está vinculada à historiografia, como forma de registro dos feitos históricos. Por esse motivo, é comum desvios no uso e na definição dos termos história, historiografia, história da linguística e historiografia linguística.

Esse equívoco teórico e metodológico fez com que Konrad Koerner desenvolvesse uma proposta de intervenção para que a historiografia linguística, doravante historiografia linguística, pudesse se fortalecer. A chegada dos estudos historiográficos ao Brasil, nas últimas décadas, tem

alcançado as universidades, captando e formando novos cientistas da linguagem, preocupados com a diacronia e com a gramática em momentos distintos de sua história.

2. As áreas afins e suas definições

A história já teve como objetivo o estudo religioso da narrativa sobre deuses e deusas da mitologia grega, além das guerras associadas ao castigo das divindades. Posteriormente, ela passou a ensinar ética. Até que, a partir da *Revista dos Annales*, o perfil passa a ser o entendimento dos atos coletivos humanos (ALMEIDA, 2007, p. 27-28). Para Pierre Lévi (1992, *apud* ALMEIDA, 2007), a história tradicional era um sistema linear, mas o nascimento da nova história fez com que a primeira se estilhaçasse e passasse a ser denominada micro-história.

De um modo geral, há duas concepções sobre historiografia: a da Escola História Factual (Alemanha) e a da Escola dos Annales (França). A primeira apresenta as relações de causa e efeito sob um olhar pragmático, enquanto que a segunda descreve os eventos a partir da razão, que direciona para os atos sociais (ALMEIDA, 2007, p. 29), cumprindo o seu papel crítico na análise dos fatos.

A história da linguística comumente apresenta as escolas linguísticas e as teorias como eventos que ocorrem de forma sucessiva, com seus respectivos representantes, que, em geral, não leva em conta que as ideias podem ser retomadas em outros momentos e que também podem ocorrer de forma simultânea. (BATISTA, 2013)

Enquanto que, a historiografia linguística apresenta a necessidade de compreender suas definições “como modo de escrever a história do estudo da linguagem baseado em seus princípios científicos” (KOERNER, 1996, p. 45), e não mais como mero registro da história da pesquisa linguística.

A historiografia linguística entra em cena no ano de 1970, que teve o intuito de descrever e interpretar o fazer historiográfico, como se adquiriu, produziu e desenvolveu em um determinado contexto. Destarte, os objetivos dos estudos da historiografia linguística partem não somente dos textos publicados, mas também dos não publicados, como fonte complementar de análise.

“A historiografia linguística é o estudo interdisciplinar” (SWIG-

GERS, 2012, p. 2) do curso evolutivo do conhecimento linguístico; englobando a descrição e explicação a partir de fatores intradisciplinares e extradisciplinares.

Nessa percepção, Ronaldo de Oliveira Batista (2013, p. 105) destaca que

[...] um linguista (ou um bom gramático) será realmente um linguista (ou um gramático) se souber não somente avançar nos conhecimentos de sua área, mas também se puder recuar, em uma reflexão teórica, ao passado do seu campo de estudos.

A seguir, apresentaremos os procedimentos metodológicos propostos por Konrad Koerner, que marcam as implicações internas e externas da língua e vão elucidar a prática da historiografia linguística.

3. *Princípios metodológicos propostos por Konrad Koerner*

Para Ronaldo de Oliveira Batista (2013), a escrita de uma narrativa historiográfica é elaborada em torno da (i) dimensão teórica – “levando em conta a dinâmica interna de fatos e eventos da história da linguística” (p. 71); (ii) dimensão temporal – “estabelecida pela periodização pertinente ao objeto de análise” (p. 72) e (iii) dimensão social – “pode ser estabelecida (...) em torno da análise de comunidades de pesquisadores e das retóricas assumidas por eles (...) em busca de legitimidade acadêmica, profissional e/ou social.” (p. 72)

Até a década de 1980, não havia uma metodologia muito clara para sistematizar os estudos historiográficos. Diante disso, Konrad Koerner (1996) aponta temas como a periodização, a contextualização e os procedimentos adotados para pesquisa. A partir de tais questionamentos, ele apresenta uma proposta metodológica para a historiografia linguística.

Os princípios metodológicos apresentados por Konrad Koerner foram estabelecidos para dar maior organização aos estudos com documentos históricos, o que torna o fazer historiográfico mais respeitável do ponto de vista científico, discutindo os elementos internos e externos que definem os limites entre a história e a linguística: a contextualização, a imanência e a adequação.

“O primeiro princípio [...] diz respeito ao estabelecimento do ‘clima de opinião’ geral [as ideias que circulavam entre os meios intelectuais da época selecionada] do período em que as teorias se desenvolvem

ram” (KOERNER, 1996, p. 60). É por meio dele que o historiador pode ir ao passado para entender o presente, “[...]observando-se as correntes intelectuais do período e a situação socioeconômica, política e cultural [...]” (BASTOS & PALMA, 2004, p. 17). A contextualização leva em conta aspectos sociais, geográficos, políticos, econômicos etc., que influenciaram o sistema linguístico da época, tendo, portanto, uma dimensão extralinguística.

O princípio da imanência busca apresentar aspectos internos da língua a partir de uma abordagem sincrônica nos documentos selecionados. Nesse sentido, avalia-se a gramática de sua época para entender a língua e sua estrutura interna. “[...]consiste no esforço de estabelecer um entendimento completo, tanto histórico quanto crítico [...]” (KOERNER, 1996, p. 60). Nesse princípio metodológico, visões contemporâneas do pesquisador devem ser evitadas para melhor compreender o objeto selecionado em sua natureza.

E, por último, o princípio da adequação também analisa a abordagem interna da língua, mas de forma complementar, aproximando-se ou afastando-se de um olhar temporal e cultural do recorte histórico. Observadas as aproximações terminológicas da língua entre os dois momentos selecionados (KOERNER, 1996, p. 60), faz-se a comparação de duas gramáticas, demonstrando a mudança linguística ocorrida nos recortes estabelecidos, que é unificado aos dois primeiros.

A proposta metodológica defendida por Konrad Koerner foi cunhada para organizar a área e dar maior fidelidade ao estudo dos documentos históricos, levando em consideração os três princípios, que estão fortemente relacionados.

Como objeto de discussão e de análise, a língua é estudada e discutida em seu suporte escrito, em contextos formais ou informais. Os textos selecionados, em um dado momento apresentam um testemunho da língua e da história, refletindo o pensamento intelectual de um determinado momento. (BASTOS & PALMA, 2004)

A pesquisa em historiografia linguística busca definir os parâmetros externos (contexto de produção de um determinado trabalho) e internos (descrição e explicação de fenômenos linguísticos) para a análise dos materiais escolhidos como fonte de estudo.

No próximo item, apontaremos as principais instituições e os nomes de maior evidência para o estudo da historiografia linguística no

Brasil.

4. A historiografia linguística na atualidade

A entrada da historiografia linguística como disciplina da graduação ou pós-graduação é recente e está presente em poucas instituições, com alguns núcleos que são difusores da área.

Com nomes de destaque acadêmico, a Universidade de São Paulo (USP) é representada por pesquisadores, como Maria Cristina Fernandes Salles Altman, professora titular, coordenadora do CEDOCH/USP (Centro de Documentação em Historiografia Linguística e Centro Complementar de Pesquisa em Historiografia Linguística). Além de participar do *Documenta Grammaticae et Historiae*, projeto de documentação linguística e historiográfica cujo principal objetivo é “a construção e disponibilização de *corpora* representativos da tradição gramatical-colonial ibérica”.

Olga Ferreira Coelho, também docente USP, analisa a historiografia linguística nos séculos XIX e XX, atuando no *Documenta Grammaticae et Historiae*, iniciado em 2006. Esse projeto inclui a construção de glossários eletrônicos das línguas que se desenvolveram em solo brasileiro.

Em suas dependências, a USP possui o Centro de Documentação de Historiografia Linguística, de onde provém a maioria dos pesquisadores da área em solo nacional.

A Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP), em seu Programa de Estudos de Pós-Graduados em Língua Portuguesa, conta com três linhas de pesquisa, sendo uma delas dedicada aos estudos descritivos e histórico-historiográficos da língua portuguesa, considerando a relação sistema e uso, pesquisado pelo professor Jarbas Vargas Nascimento (2004).

Outra instituição de destaque na área, a Universidade Federal de Goiás (UFG) possui o grupo de pesquisa “IMAGO – Mostragem e Desenvolvimento Epistemológico da Historiografia dos Estudos da Linguagem”, liderado por Sebastiao Elias Milani, criado em 2006.

Finalizando, entre outras Instituições, a Universidade Estadual de Goiás (UEG), a partir de um grupo de pesquisa na graduação em letras,

cria em 2009, a *Revista Eletrônica Expedições: Teoria da História e da Historiografia*.

5. Considerações finais

As contribuições da historiografia linguística enriquecem a formação do pesquisador, como cientista ou intelectual da sua área, oferecendo uma base segura de reflexão e critérios metodológicos desenvolvidos por Konrad Koerner nos anos 1990, que a diferenciadas outras áreas irmãs. Nesse sentido, um especialista em língua terá mais competência para falar sobre sua área se conseguir aprofundar os seus conhecimentos e puder fazer regressões nas teorias que fundamentam sua disciplina.

O pesquisador inserido nesse campo de conhecimento pode usar para sua análise documentos não oficiais e tem como pressuposição metodológica três princípios: a) contextualização; b) imanência e c) adequação.

Como a área tem crescido ultimamente, é bastante provável que surjam novos trabalhos e pesquisadores nas academias brasileiras.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, Miguél Eugenio. *Alfredo Clemente Pinto e suas contribuições para o ensino de língua portuguesa: um estudo historiográfico*. 2007. Tese (de doutorado). – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo.

BASTOS, Neusa Barbosa; PALMA, Dieli Vesaro. (Orgs.). *História entrelaçada 2: a construção de gramáticas e o ensino de língua portuguesa na primeira metade do século XX*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2004.

BATISTA, Ronaldo de Oliveira. *Introdução à historiografia da linguística*. São Paulo: Cortez, 2013.

KOERNER, Konrad. *Questões que persistem em historiografia linguística*. Revista da ANPOLL, n. 2, p. 45, 1996. Disponível em: <<https://revistadaanpoll.emnuvens.com.br/revista/article/view/240/253>>.

NASCIMENTO, Jarbas Vargas. *A Historiografia linguística: rumos possíveis*. São Paulo: Pulsar, 2004.

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

SWIGGERS, Pierre. *História e historiografia da linguística: status, modelos e classificações*. Disponível em <https://lirias.kuleuven.be/bitstream/123456789/297572/1/PTEutomia.pdf>. Acesso em: 21-11-2017.